

Antologia de Rui Ferreira

Apresentado por

Meu Lado Poético 



Dedicatória

A todos quantos gostam de poesia.

Sobre o autor

Rui Ferreira, nasceu a 7 de Fevereiro de 1971, na freguesia de Paredes – Penafiel, licenciado em Solicitadoria pela Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico do Porto. Quinto de seis irmãos e amigo inseparável de um bom livro. A escrita sempre o atraiu e levou-o por mundos imaginários que sempre reservou para si próprio, abstendo-se de os partilhar, com raríssimas exceções.

O gosto pela leitura e pela escrita foi-lhe inculcado desde muito cedo pelo pai que lhe transmitiu os valores da igualdade, da justiça e da tolerância. Foi Presidente e co-fundador da Associação de Conservação do Meio Ambiente, fundada em 1992, e foi deputado municipal em 1996.

Autor de "A vida numa cicatriz", obra premiada na 2ª Gala dos Autores Cordel D' Prata, nas categorias "Escolha do Leitor 2020" e "Romance 2020".

Autor do conto literário "O mistério das pranchas de surf", publicado em e-book sob a chancela da Amazon.

resumo

Triste fado

Gente com alma de mar

Ao amigo que parte

Amor incompreendido

Sinto-te falta

Meu irmão Alberto

Penafiel

Coragem de mil almas

Desalinhado

O Reino

Estranho costume

Bárbara

Pobre Maria

Saudade

Pilares da sociedade

Triste fado

Quis este meu triste fado
Que no embalo de um sonho falhado
Me tornasse em algo que não sou
Sou esboço não desenhado, mera pintura que borrou

Ator de um sonho não sonhado, espectro de alguém que nunca voltou
Figurante de um pesadelo inacabado, aprendiz de feiticeiro que nunca se revelou.
Do nada um raio de luz rasgou o negrume
E tu chegaste radiante, ameaçando este velho costume

De permanecer na penumbra, sombrio
Acossado por velhas lembranças, fortes como um rio.
E da noite se fez dia, das trevas se fez luz
Hoje sou quem não fui, nem sequer fui o que supus

Não fosses tu, ó minha linda feiticeira
Trazer-me à luz da tua fogueira
E deambularia deslebrado por aí, esquecido
Solitário, desapaixonado, perpetuamente vencido."

Gente com alma de mar

Nem as tormentas das águas selvagens do atlântico
Nem as de nenhum outro qualquer mar deste mundo
Vergaram a determinação do povo lusitano, ousado
Tampouco venceram este sentimento profundo

De as águas revoltosas e salgadas, marear
Em nome de Deus e de um povo, determinado
Sequioso de conhecimento e conquistas além-mar
Em perfeita simbiose com o elemento enfrentado

Povo de terra e de mar, de fé e de saudade
Impelido pelas velas enfunadas de esperança
Enfrentou monstros, crenças e dogmas de verdade
E fundeou naus em terras que o olhar não alcança

Nobre povo imortal, que descobristes o mundo novo
Especiarias, sedas e pedras preciosas, ó fortuna ilusão
De entre os povos te tornaste num só povo
Mas perdeste-te no ouro negro, agrilhoados no porão

Séculos se esfumaram, leis e costumes foram alterados
Legado da expressão deixado a um povo novo, abandonado
Altivo, poderoso, de tez escura e sotaques variados
Que apesar de vencido, nunca foi quebrado

O lusitano que ao mar se lançou e abraçou o mundo
Não se aquieta nem se conforma, antes se agita
Como a força das ondas, se levanta num só segundo
Adapta-se e transforma-se, assim Deus o permita.

Ao amigo que parte

Gentil amigo meu que partes sem despedidas
Fugindo de uma abreviada amizade cerceada sem razão
Das memórias intensas e das recordações transcendidas
Daquele curto espaço de tempo em que o corpo era são

O desassossego em que me deixaste nestes dias
Em prantos de lágrimas exageradas de esperança perdida
Acontece sob o feitiço de magos aprendizes de almas sadias
A que sobrevivo sem fulgor nesta desesperança brandida

Sadia era a amizade, fortalecida por laços inquebrantáveis
Assim julgados pela carne, fraca, que amiúde nos trai
E nos desperta para a cadência dos ponteiros instáveis
Do relógio da vida, criador de ilusões, que nos distrai

Gentil amigo meu que partes e deixas este vazio imenso
Impossível de preencher com palavras incontidas
De angústia e de dor que não apagam o tempo
Transformadas em pensamentos ocultos e lágrimas vertidas

Ainda que não faltem, mas também não sobrem
Momentos efémeros de uma amizade contida
Relembro já com saudade a rectidão do homem
Que em ti habitava e se afirmava na plenitude da vida

Tivesse eu o condão da atribuição do tempo e da vida
E jamais, jamais, um segundo em vão seria perdido
Em quezílias fúteis e comezinhas, sem qualquer razão envolvida
E no entanto, assim, só, me deixas, incrédulo e aturdido

Amor incompreendido

Carrego-te no negrume da escuridão
Lado oculto da vida em que te não via
Seguro o grito no silêncio, em vão
Rogo por esta luz pálida que nos guia

Que lassidão é esta que me corrói
A alma ímpia, descrente
Que me condena a vilão ou herói
Ou apenas a um ser aparentado a gente

Lanço um olhar duvidoso à paisagem nua
Que é esboço não desenhado
É rabisco sobre uma tela crua
És tu, meu amor, do outro lado

Chamas-me e não te ouço
Convocas-me e não compareço
Permaneço neste calabouço
Indeciso, e ainda assim não esmoreço

E neste impasse me quedo
Impedido de desfrutar esta vida
Solto vocábulos que pretendem ser um berro
Rasgo as vestes pela alma cindida

Resisto e não desisto, até à última consequência
Por um amor incessantemente incompreendido
Que perdura e resiste com eloquência
Epílogo da querença que se faz correspondido

Rui Ferreira
Penafiel

Sinto-te falta

As ausências a que me obrigas
Marcadas por esse teu triste olhar
São sombras envergonhadas de intrigas
A que me sujeito sem me preocupar

Refugio-me nesse teu olhar penetrante
Escondo-me em mim da tua presença
Perco-me neste caminho errante
Que percorro em constante descrença

A felicidade é uma quimera
É efémero sentimento cantado
Por poetas desta e de outra era
Em canção e em verso rimado

O amor, esse sentimento tão nobre
Brota de qualquer coração enamorado
Seja rico ou seja pobre
É assim a vida de um apaixonado

Nas ausências insisto em ficar
Ao teu lado ainda que te perca
Perdido na imensidão do teu olhar
Refugiado no coração que se aperta

Encontro-te finalmente entre a imensidão
Dos meus sonhos e pesadelos urdidos
Tornas-te o meu rochedo, o meu bastião
Senhora de destinos incompreendidos

Rendo-me nesta destemida covardia
De declarar este amor que me assalta
Que cresce nesta alma deserta, bravia

E ainda que te tenha, sinto-te falta.

Meu irmão Alberto

A tua chegada era sempre ansiada
Desejada naqueles anos sombrios e cinzentos
Em que era criança já crescida, não criada
Consequência de desenganos e tormentos

Os brinquedos que sempre me trazias
Iluminavam o meu mundo enegrecido
Preenchiam-me de alegria como tu bem vias
Tornavam o monótono em divertido

O semblante carregado e a alma fechada
Davam lugar ao coração de sorriso aberto
Sempre na esperança da tua breve chegada
É de ti quem falo, meu querido irmão Alberto

Os anos cavalgam velozes sem darmos conta
A idade avança sem piedade
Não percamos tempo a pelear o que nos afronta
Seguimos em frente nesta cumplicidade

Antes como agora, estás sempre presente
Nos maus e nos bons momentos desta passagem
Somos sangue do mesmo sangue, frio ou quente
Juntos, unidos, é esta a nossa mensagem

Penafiel

No alto do Sameiro observo a paisagem
Da cidade granítica esculpida a cinzel
Por gentes laboriosas e de coragem
Arrifana, bela cidade de Penafiel

Os teus edifícios preservam em si a história
Contam-nos no silêncio o passar dos tempos
Desses antigos e saudosos anos de glória
Que aos olhos do universo são meros momentos

A tua pequena vastidão territorial
Esconde segredos e tesouros intangíveis
Plena de história milenar e natureza sem rival
Que aos olhos de poucos são invisíveis

Estendes-te imponente até ao Douro
Orgulhosa, destacas-te em todo o vale
Exibes os teus marcos como um tesouro
Exaltas as tuas belezas sem igual

O Tâmega, senhor de paisagens idílicas, de artista
A jusante aglutinado pelo Douro exuberante
Reúne-se no vilarejo que encanta o turista
Entre-os-Rios é pérola esquecida deslumbrante

Esta nobre terra de um povo honrado
Orgulhoso da sua identidade ancestral
É guardião ufano do vasto acervo legado
Brioso conservador da sua herança cultural

Coragem de mil almas

O céu está nublado de fumo e poeira
O chão é queimado pelo fogo violento
O céu está pintado de vermelho pelos tiros
E na escuridão a terra é um coro
Há uma guerra latente nos nossos corações
A escuridão instalou-se, ninguém fica para trás
O caos do mundo insinua-se como um ladrão
Devemos ficar juntos, encontrar algum alívio
Do fogo da guerra e do caos
Vem a coragem de mil almas
Levantando-se contra a escuridão
Para romper estas paredes de ferro
O barulho dos canhões troando no ar
É hora de lutar pela liberdade, devemos declarar
A coragem será a nossa guia nesta noite escura
E juntos subimos como um, unidos lutamos
Embora a batalha possa ser difícil e a noite pareça tão longa
Encontraremos a saída e não demorará muito
O poder do amor pode dominar todo o medo
Vamos unir forças e deixar isso bem claro
Do fogo da guerra e do caos
Vem a coragem de mil almas
Levantando-se contra a escuridão
Para romper estas paredes de ferro

Desalinhado

Acordo deste sonho não sonhado,
que é pesadelo adiado,
ensaio de vida perdida,
neste mundo sem saída.
Vagueio na imensidão da pequenez,
apesar da minha altivez,
e desta sorte desafortunada,
há muito anunciada.
Que sorte macaca a minha
nesta vida solitária que me encaminha
entre gente sem visão,
que fazem ouvidos moucos,
têm sentidos loucos,
trocam argumentos sem razão.
Encetam viagens entre casas,
trocam conversas desalinhadas
expondo a vida alheia, só porque, sim, ou porque não!
Que loucura bravia,
a conversa desta gente vadia,
aprumada e empinada,
que solitária e abandonada,
ali mesmo se defende,
insulta e se ofende.
Estranha pequenez,
que se impõe de quando em vez,
à anormalidade reinante
desta vida de farsante.
São vidas, meus senhores
Que não vivem sem favores.
São Vidas, sonhadas e não vividas
Salvem-se! Agarrem um salva-vidas!

O Reino

Lancei naus para o outro lado,
do mundo que acreditava quadrado,
cavalguei as ondas do oceano,
provei que o mundo não é plano,
e com este sentimento profundo,
tornei-me dono do mundo.
O povo inculto colonizei,
Mais sabedor dos que exultei.
Espalhei a palavra com fervor,
aos descrentes infligi dor,
esventrei o solo sagrado,
por um punhado de ouro roubado.
O sangue jorrou incontido
puro, vermelho, nativo,
e ao mar de novo me lancei,
de regresso à casa que deixei.
Nas águas enfrentei a fúria divina,
resoluto, venci a minha sina,
com as naus, no Tejo fundeadas,
repletas de riquezas pilhadas.
A El Rei apresentei-me curvado,
com o sangue nas mãos, lavado,
Carregando o ouro negro, que sem vergonha,
trafiquei alegremente, ó coisa medonha.
Exibidos perante o povo analfabeto e bruto
Que julgava ter o poder absoluto,
Incapaz de alcançar a razão
Obediente como um cão.
O reino delirou com as glórias alcançadas
sem se importar com as vidas ceifadas,
El Rei exultou os feitos desta gente insana
Que se julgava impoluta e puritana.
Tantas riquezas esvaídas

tanto sangue, tantas vidas

Tanto desperdício, tanta pobreza

Tanto bruto disfarçado de nobreza!

Estranho costume

Que estranho costume
ter este azedume
por alguém que não conheci.
Estar onde nunca estive,
Viver o que nunca vivi.
Solitário, observo
Na multidão, não enxergo
Na vida, não vivo
Sou seguido, mas não sigo.
Na infelicidade sou feliz
Sou árvore sem raiz
Água que não sacia
Ilusão que não existia.
Faço ouvidos moucos
Tenho trejeitos loucos
Razões irracionais
Defeitos por demais.
Durmo acordado
Sou um vivo finado.
Inteligentes são os outros
Burros não são poucos
Que alegres e contentes
passam a vida a mostrar os dentes.
Estendem a mão, por caridade
anseiam por promiscuidade
Procuram reconhecimento
lambendo cus sem lamento.
De espinha dobrada
por uma vida deslumbrada
Desperdiçam corações
Por uns míseros tostões.

Bárbara

Procuro esse lugar,
que deixaste quando partiste
Sozinho não quero ficar
Lavo-me em lágrimas, estou triste.
Tão longe, mas sempre no meu coração
A saudade aperta forte
Procuro, no escuro, a tua mão
Agarra-me, não me percas o norte.
Não me deixes cair nesta ilusão
Não consigo mais viver
Sozinho, nesta imensa solidão
Talvez não saibas, és a alma do meu ser.
A mais linda e perfeita criação
Que algum dia ousei realizar
És tudo para mim, és a razão
O propósito que alimenta o meu pulsar.
O orgulho que me fazes sentir
Transcende o sentimento vivido
Que não para de crescer, tenho de admitir
Ver-te singrar, orgulhoso, rendido.
Cresceste tanto nestes anos
Assumiste o risco com bravura
Imperturbável seguiste os teus planos
Sem receios, ávida de aventura.
Bárbara, pedaço de mim
Tudo isto que sinto, minha filha
Não se acaba, é eterno, não tem fim
És o meu mundo, o meu refúgio, a minha ilha.

Pobre Maria

A triste Maria,
Foi um certo dia
De cabeça erguida
Por esse mundo fora.
Partindo sem demora
E logo de seguida
Alta e decidida
Abriu a caixa de Pandora.
Soltaram-se magias
Que duraram muitos dias
De incontáveis aventuras.
Fizeram-se juras
Calaram-se as verdades
Contaram-se mentiras
frágeis debilidades
espuma desses dias.
Apontaram-se culpados
Condenados, não julgados
Sentaram-se os réus.
Soltaram-se mil diabos
Tantos dias passados
Por estes reles incréus.
E no final de tudo
Sem culpa no cartório
Fico quedo e mudo
Sou bode expiatório.
Reduzo-me à insignificância
Espanto-me com a extravagância
De todo este relambório.
Que triste fadário
Todo este itinerário
Da nossa Maria
Só porque um dia

Quis ser quem não podia.

Saudade

Na sombra do tempo, a saudade dança, Recordações suaves, como brisa que avança. No coração, ecoa a melodia da lembrança. Na solidão do peito, a saudade floresce, Um eco de memórias que o tempo enaltece. No silêncio, teço versos de quem se esquece. Na alma, a saudade é um lamento sereno, Um suspiro que ecoa no tempo ameno. No coração, o passado é sentimento terreno.

Pilares da sociedade

Em cada ruga, uma história,
Em cada olhar, uma memória,
São os anciãos, guardiões do tempo,
Que nos ensinam com o vento,
A balançar entre as folhas do passado,
E a plantar para o futuro, lado a lado.

Como árvores robustas em bosques antigos,
Erguem-se, imponentes e amigos,
As suas raízes aprofundam-se na terra da tradição,
As suas folhas segredam canções de união,
E nos seus galhos, os frutos do amor,
Nutrem a família, com calor.

Eles são o porto seguro nas tempestades,
O farol que guia através das idades,
Com mãos calejadas e coração aberto,
Mostram-nos que o verdadeiro valor está perto,
Na simplicidade de um gesto, na pureza de um conselho,
Na partilha de um momento, no calor de um velho.

Que possamos sempre enaltecer,
Esses pilares que nos fazem crescer,
Honrar a sua presença, a sua essência, a sua voz,
Pois em cada um deles, há um pouco de nós.